POLÍTICAS E PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE: O EXEMPLO DAS ECOVILAS NO BRASIL[1]

Gabriela Belleze

Marcos Eduardo Cordeiro Bernardes

Carlos Alberto Máximo Pimenta

RESUMO

O presente trabalho circunscreve-se ao tema das Ecovilas no Brasil. O esforço se justifica para explicitar que as Ecovilas assumem formas próprias de geração de renda e de práticas sustentáveis, o que por si merece investigação, uma vez que tem crescido na sociedade a percepção de que são necessários modos de vida diferenciados da sociedade do consumo para lidarmos com os desafios relacionados à sobrevivência humana no planeta. Objetivou-se apreender o desempenho das Ecovilas no quesito de sustentabilidade, além de comparar as ecovilas com a população em geral por meio dos Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (IDS) do IBGE, e de identificar as práticas geracionais de renda dessas comunidades. 19 ecovilas responderam à ficha de coleta de dados, criada por meio da ferramenta virtual Google Docs que continha as informações necessárias ao cálculo de 11 IDS. A ficha de coleta de dados englobou também as informações sobre a geração de renda, distribuição dos recursos e dos principais desafios encontrados na manutenção da sustentabilidade. Na sistematização dos dados, as Ecovilas apresentaram um melhor desempenho em relação à população brasileira sobre todos os indicadores. Pode-se dizer que os ecovileiros caracterizam um cenário diferenciado de relação com a natureza e as formas de organização do ponto de vista econômico, socioambiental e sociocultural. Também foi possível observar que os maiores desafios das Ecovilas estão relacionados com as dimensões socioculturais que permeiam as relações existentes dentro das próprias comunidades, no que tange ao engajamento de mais pessoas para este estilo de vida. Pode afirmar, ainda, que as Ecovilas apresentam algumas práticas e ações relevantes, na dimensão ambiental da sustentabilidade, e na resistência/redução do consumo.

Palavras-chave: Indicadores de Desenvolvimento Sustentável; geração de renda; redução do consumo.

[1] Pesquisa apresentada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho circunscreve-se ao tema das Ecovilas no Brasil, levando em consideração à ênfase nas ações sustentáveis e nos processos geracionais de renda. O esforço se justifica para explicitar que as Ecovilas assumem formas próprias de geração de renda e de práticas sustentáveis, o que por si merece investigação, uma vez que tem crescido na sociedade a percepção de que são necessários modos de vida diferenciados da sociedade do consumo para lidarmos com os desafios relacionados à sobrevivência humana no planeta.

A pergunta de partida proposta é: como garantir que as ecovilas sejam capazes de promover o desenvolvimento sustentável e de forma integrada à sociedade? Dentro deste escopo de estudo, o objetivo principal deste trabalho é: apreender o desempenho das ecovilas, em relação à sustentabilidade. Derivados deste objetivo, espera-se: a) comparar os IDS (IBGE, 2012), com os mesmos indicadores para as ecovilas; b) identificar as práticas de geração de renda e de sustentabilidade existente nas ecovilas.

Os indicadores tornam-se boas ferramentas, capazes de informar o público, além de enfatizar a necessidade de geração de informações novas e mais concretas. São importantes para identificar comportamentos e tendências, podendo estabelecer comparações entre países e regiões brasileiras, além de indicar necessidades para a formulação, acompanhamento e avaliação de políticas públicas (IBGE, 2012). O desenvolvimento de indicadores para a questão da sustentabilidade possibilita reproduzir situações de curto, médio e longo prazo.

No Brasil, as discussões acerca do desenvolvimento sustentável demandam cada vez mais informação, o que inspirou e se refletiu na publicação do IBGE sobre os chamados IDS. Esses levantamentos foram iniciados em 2002 e, desde então, houve outras quatro publicações, sendo seguida por 2004, 2008, 2010 e a mais recente, em 2012. O objetivo principal dos IDS é analisar um conjunto de indicadores capazes de expressar os diferentes aspectos da sustentabilidade de forma objetiva e eficiente, sendo que os indicadores apresentam dados para a média da população nacional. A evolução de cada indicador é apresentada para todo o país; na maioria dos casos a partir de 1992, com a elaboração de indicadores dentro de quatro dimensões diferentes, sendo elas: ambiental, social, econômica e institucional.

Do ponto de vista metodológico, os 11 IDS escolhidos foram os norteadores do trabalho, no sentido de coleta de dados. Além da comparação entre a realidade das ecovilas e a situação dos IDS, os dados recolhidos possibilitaram outras reflexões acerca da geração de

renda e da sociedade do consumo. Portanto, primeiro serão apresentados quais foram os indicadores utilizados e como se sucedeu a coleta e análise dos dados.

Entre os IDS escolhidos, cinco contemplam a dimensão ambiental (*Uso de fertilizantes; Uso de agrotóxicos; Terras em uso agrossilvipastoril; Queimadas e incêndios florestais; Destinação final do lixo*), quatro a dimensão social (*Doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado; Taxa de alfabetização; Adequação de moradia; Coeficiente de mortalidade por acidente de transporte*), e dois a dimensão econômica (*Consumo de energia per capita; Participação de fontes renováveis na oferta de energia*). Devido à dificuldade de mensuração dos indicadores da dimensão institucional e do desacordo dos aspectos desta questão em relação ao dia a dia das ecovilas, nenhum dos indicadores dessa dimensão foi adaptado para esta pesquisa.

Além da coleta de dados relacionados aos IDS, foi realizado um levantamento a respeito das tomadas de decisões, governança e aquisição e distribuição de recursos praticada dentro das ecovilas. Nesse instrumento, também foram abordados quais os principais entraves e oportunidades para que as ecovilas consigam aplicar e manter as práticas voltadas ao desenvolvimento sustentável, além de um levantamento sobre a aderência e identificação dos grupos à definição de ecovila de Roysen (2013), definida anteriormente neste trabalho.

Para esclarecimento metodológico, é importante definir o instrumento utilizado neste trabalho para coleta dos dados, no caso, a ficha de coleta de dados. Assim, estas são ferramentas que servem de apoio aos pesquisadores, de modo a reunir as informações necessárias e apresentar uma linguagem coerente com o objeto de pesquisa. A ficha de coleta de dados adotada neste trabalho pode ser classificada como auto preenchida, uma vez que foi respondida diretamente pelos participantes da pesquisa, de forma virtual, ou seja, sem a presença física do pesquisador. Em relação ao tipo das perguntas da ficha, estas foram abertas e/ou fechadas. Perguntas abertas são aquelas que dão condição ao pesquisado de discorrer espontaneamente sobre o que está sendo perguntado, com linguagem própria. As respostas alcançadas com as perguntas abertas, podem revelar as opiniões e a visão de mundo do grupo pesquisado, bem como sua motivação e significação. Já as perguntas fechadas são aquelas em que o pesquisado escolhe a sua resposta, através de um conjunto de categorias apresentadas, sendo que suas respostas servem como base de dados mais objetivos e exatos.

Dessa forma, a ficha de coleta de dados, com perguntas fechadas e abertas, foi feita pela ferramenta virtual Google Docs, onde pôde ser acessada e respondida por diversas ecovilas nacionais, via internet. Os dados recolhidos por meio da ficha de coleta de dados,

foram supostos como verdadeiros, e foram utilizados para calcular os indicadores de desenvolvimento sustentável para a realidade das ecovilas, além de permitir a reflexão aqui proposta.

A respeito quantitativo do envio das fichas de coleta de dados, foram enviadas virtualmente um total de 52 fichas, via e-mail, Facebook, mensagens em sites e blogs, e até mesmo contato via telefone, em alguns casos. A ferramenta de busca entre os cadastrados no site da GEN apresenta 29 ecovilas brasileiras, as quais foram todas contempladas pelo envio da ficha de coleta de dados. Destas 52 ecovilas alcançadas, 32 estabeleceram contato, porém nem todas puderam ou quiseram responder de forma efetiva a ficha. Assim, 19 respostas integrais da ficha foram recebidas, sendo que estas respostas foram o universo de dados utilizados neste trabalho.

Para melhor entendimento da proposta, dividiu-se o trabalho em 3 partes: a dimensão teórica para contextualização das ecovilas (Item 2); os aspectos empíricos da pesquisa (Item 3); e as considerações da relação teórica com o universo empírico da pesquisa (Item 3 e 4).

2. O CONTEXTO DAS ECOVILAS: Referência Teórica

Os desafios e problemas inerentes à sociedade atual demandam respostas complementares, sistêmicas e interdisciplinares. Em paralelo as ações da Revolução Industrial e da concretização do sistema capitalista, que geraram um crescimento exponencial da produção e a consolidação da desigualdade social, vemos também o aumento da degradação ambiental e do desperdício de experiências coletivistas e solidárias. No entanto, não existem apenas concordâncias e submissões ao sistema instaurado. A história conhece também revoluções, contestações e inconformismos: classes, grupos e pessoas, que oprimidas, angustiadas, inconformadas ou inquietas, buscaram e buscam novas formas de viver e de procurar alternativas ao tal sistema predominante (SANTOS Jr, 2006).

No final da Segunda Guerra Mundial, o sistema capitalista atingiu um grau de potência material que fez o *american way of life* se tornar um sonho idealizado por todos, baseado no consumo, sem que houvesse um caráter crítico sobre os meios e os fins de produção. Porém, foi também nesse período, que surgiram movimentos questionadores aos hábitos, anseios e comportamentos da época (SANTOS Jr, 2006). Um movimento conhecido como a contracultura (ROSZAK, 1969), foi aderido por uma grande variedade de seguidores que consideravam a industrialização como a causadora dos problemas sociais e ambientais que

começavam a surgir e enraizar na sociedade, e desejavam um novo sentido, um novo estilo de vida, um movimento de contestação e de expressão de suas indignações.

No Brasil a contracultura ocorreu de forma menos intensa e combativa, tardiamente aos movimentos europeus e norte-americanos, porém carregada de oposição e resistência à modernização imposta pelo regime militar, a partir de 1964. Segundo Coelho (2005), as características desse movimento brasileiro estavam ligadas a aproximação com a loucura e a marginalidade, e a construção de comunidades alternativas e ecovilas. Assim, por parte de alguns grupos, um novo estilo de vida se construía por meio da improvisação e do afastamento geográfico dos espaços urbanos, em prol de um mundo melhor no qual os adeptos acreditavam (SANTOS Jr, 2006).

Nesse contexto, as ecovilas são comunidades "intencionais sustentáveis", que podem ser entendidas como comunidades que nascem de uma reação ao sistema constituído, em que o grupo idealizador se reúne voluntariamente, ou seja, intencionalmente. Ecovilas diferenciam-se de comunidades tradicionais porque representam uma resposta consciente e intencional às formas de vida da sociedade estruturada. Dessa forma, Roysen (2013, pg. 13) define ecovila como "grupos de pessoas que se unem para criar um estilo de vida de baixo impacto ambiental e relações interpessoais mais cooperativas e solidárias".

Segundo a Global Ecovillage Network, ou a Rede Global de Ecovilas - GEN (2012), as ecovilas em sua busca permanente pela manutenção da sustentabilidade possuem quatro dimensões fundamentais: a dimensão social, a dimensão ambiental, a dimensão cultural/espiritual e a dimensão econômica. Segundo Santos Jr. (2006), uma abertura ao diálogo entre comunidades e sociedade/instituições políticas, pôde ocorrer graças à incorporação do conceito de desenvolvimento sustentável à pauta do debate político nacional e internacional, a partir da década de 1980.

Svensson (2002) observa, a respeito da ideia permacultural[2], que as ecovilas estão "fundamentadas no profundo entendimento de que todas as coisas e criaturas estão conectadas, e que os pensamentos e as ações têm impactos no ambiente". Dessa forma, o cotidiano vivenciado por elas entrelaça as dimensões que compõem a sustentabilidade. Assim, no aspecto comunitário, estariam as relações e trocas entre os membros, processos de tomada de decisão e gestão de conflitos, práticas alternativas de saúde, formas significativas de trabalho, educação permanente, expressões culturais e respeito às diferenças. O aspecto

[2] O conceito da permacultura está relacionado ao desenvolvimento de pequenos sistemas produtivos organicamente integrados, partindo de seu princípio fundamental que é o respeito pela natureza e a reprodução de seus ciclos nas ações e criações do dia a dia (IPEMA, 2012).

econômico já é formado por geração de renda local, na simplicidade voluntária. A dimensão cultural e espiritual das ecovilas enfatiza a sensação de felicidade e a sensibilidade ao pertencimento de cada um para o todo por meio de celebrações e rituais, festas, expressões artísticas, respeito às diversas manifestações de espiritualidade e de tradições culturais, visão holística e crescimento pessoal (ROYSEN, 2013).

Outro aspecto que aborda a realidade das ecovilas é a resistência ao consumo[3]. De acordo com Borelli (2014), a resistência ao consumo se baseia em comportamentos de oposição, que questionam o sistema capitalista atual e reduzem o consumo, tendo como foco o mercado como um todo, o marketing, determinadas marcas ou produtos e específicos modos de produção. Além disso, a autora contempla a adesão à simplicidade voluntária pelos ecovileiros, de forma que estes escolhem um estilo de vida, que procure a satisfação em bases não-materiais como a autoconfiança e o desenvolvimento pessoal e intelectual, limitando ou reduzindo gastos em bens de consumo e serviços em gerais.

As ecovilas, levando em consideração as sugestões de Borelli (2014), apresentam algumas ações de resistência ao consumo e, atreladas a elas, outras ações de geração de renda para manutenção e sobrevivência da comunidade. Porém, Pimenta e Mello (2014, pg. 4), apesar de discutirem especificamente a geração de renda por processos populares, ressaltam que "essas alternativas são, em grande medida, tendências das novas formas de consumo, mas dentro das possibilidades do próprio processo capitalista vigente".

O que vemos nas pesquisas abordadas neste texto, a respeito das ecovilas, é algo que traz a sensação de encantamento e de harmonia geral entre os aspectos ambientas, sociais, culturais e econômicos que envolvem a comunidade. Porém, esta pesquisa possui a intenção de verificar e refletir sobre o cotidiano destes grupos, de forma objetiva e comparativa, por meio da utilização de uma base de dados consistente, ou seja, os Indicadores de Desenvolvimento Sustentável do IBGE (IDS).

3. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Os Indicadores pelas Ecovilas

Os resultados são apresentados para os 11 indicadores de desenvolvimento sustentável analisados para a realidade das ecovilas, baseados nas 19 respostas recebidas da ficha de coleta de dados, mostrando que as comunidades em estudo apresentaram um caminho para o desenvolvimento sustentável melhor que a média nacional.

[3] Entende-se consumo da mesma forma que Borelli (2014): "envolvendo apropriação ou obtenção – não restritas a transações mercadológicas –, uso e descarte de bens, serviços e etc".

Dos 11 indicadores selecionados, em seis não houve a necessidade de cálculo, pois todas as respostas foram unânimes no sentido da melhor situação possível do indicador. Desses seis indicadores, três fazem parte da dimensão ambiental, e três da dimensão social, respectivamente: *Uso de Fertilizantes; Uso de Agrotóxicos; Destinação Final de Lixo; Doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado; Taxa de Alfabetização; Coeficiente de mortalidade por acidentes de transporte*. Nenhuma ecovila declarou utilizar diretamente fertilizantes sintéticos ou agrotóxicos; e todas se enquadraram na situação de destinação final do lixo adequada, proposta pelo IBGE, sendo que seus resíduos são cuidados na maioria dos casos por responsabilidade própria da comunidade, independente dos serviços prestados no município, e são devidamente separados entre orgânicos e recicláveis e devidamente destinados.

Em relação aos três indicadores da dimensão social, nenhuma das ecovilas declarou haver casos de doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado, uma vez que todas possuem algum tipo de sistema de tratamento adequado, seja dependente do serviço prestado pelo município ou realizado pelos próprios moradores, como o uso de banheiro seco ou de biodigestor próprio, que caracterizam técnicas permaculturais muito utilizadas por essas comunidades. Além disso, todos os moradores acima de 15 anos são alfabetizados. No caso deste indicador, não foi possível discriminar se o bom desempenho se deu por responsabilidade das comunidades ou pelas escolas locais de serviço público ou particular. Por último, não houve ocorrências de nenhum acidente de transporte por responsabilidade dos moradores ou que envolveram qualquer morador das ecovilas respondentes.

Sobre o indicador *Terras em Uso Agrossilvipastoril*, da dimensão ambiental, foi possível observar que os usos da terra das comunidades em estudo são feitos por meio de hortas orgânicas, agroflorestas e criação de poucos animais, ou seja, técnicas de baixo impacto ambiental, enquanto o uso principal brasileiro é a pastagem plantada, seguida de pastagem natural e lavouras temporárias e permanentes (IBGE, 2012), que podem ser consideradas práticas de alto impacto ambiental. Para o indicador *Queimadas e Incêndios Florestais, da* dimensão ambiental, houve apenas uma comunidade que relatou uma "queimada criminosa" em suas terras, afetando aproximadamente 4,5 hectares.

Em relação ao indicador *Adequação de Moradia*, da dimensão social, poucas comunidades apresentaram domicílios considerados inadequados de acordo com os requisitos do IBGE. Alguns casos que foram considerados inadequados dizem respeito à técnica de biodigestor anaeróbio utilizada pelas comunidades como esgotamento sanitário, que para o

IBGE não consta na lista de técnicas adequadas, revelando um possível desconhecimento acerca de práticas menos impactantes de saneamento ambiental. Já outras comunidades que não se enquadraram em moradias adequadas, apresentaram três moradores por dormitório, enquanto o IBGE julga como adequado apenas dois moradores por dormitório. Esse indicador nos permite avaliar a subjetividade da aplicação dos indicadores do IBGE para a vida nas ecovilas. A técnica de biodigestor anaeróbio também poderia ser entendida como um tratamento sanitário adequado, sendo utilizado por meio de técnicas permaculturais, e também a alocação de um número maior de moradores por dormitório, no caso das ecovilas, reflete a interação e coletividade que é proposta pela vida praticada nestas comunidades, e não necessariamente uma situação de precariedade ou de baixa qualidade de vida.

Para o indicador *Consumo de energia per capita*, da dimensão econômica, poucas comunidades descreveram os dados de forma a possibilitar os cálculos, porém, em relação às comunidades que possibilitaram a análise, pode-se dizer que representaram valores de consumo de energia muito abaixo do apresentado pelo IBGE para a população brasileira, uma vez que algumas comunidades possuem sistemas caseiros e artesanais de captação de energia por outras fontes.

Sobre o indicador *Participação de fonte renováveis na oferta de energia*, da dimensão econômica, os dados obtidos não foram suficientes para calcular a porcentagem de participação da energia renovável, uma vez que a mensuração deste tipo de energia é dificultada quando as técnicas de implantação utilizadas são de caráter empírico e informal, de acordo a adesão às práticas permaculturais existentes nessas comunidades. Os tipos de energia renovável utilizados pelas comunidades são obtidos a partir da lenha e da energia solar principalmente, além de roda de água mecânica para bombeamento de água e biodigestor que fornece metano para os processos de aquecimento. Sobre as comunidades que forneceram informações a respeito das ofertas de energia, poucas utilizam somente energia de fontes renováveis, outras ainda não produzem energia, utilizando apenas as fontes convencionais não renováveis, enquanto as restantes utilizam as duas formas de energia.

De forma geral, com estas análises apresentadas, é possível observar que as comunidades em estudo, comparativamente com a população brasileira, apresentam melhores desempenhos em todos os IDS discutidos e apresentados, com exceção do indicador de participação de fontes renováveis de energia, que não pôde ser calculado devido à falta de dados nas fichas respondidas. Ressalta-se, entretanto, que os resultados obtidos se baseiam no pressuposto de que todas as respostas recebidas pelas fichas são verídicas e consistentes.

Além disso, para calcular alguns indicadores, houve falta de dados claros e de respostas precisas, os quais poderiam ter contribuído de forma mais efetiva para a pesquisa em questão. Essa falta de concisão entre as informações parece refletir um distanciamento entre a implementação das tecnologias socioambientais aplicadas nas comunidades em questão, e a disciplina científica de numerar, explicar, e modelar os conhecimentos que se estabelecem entre as mais diversas áreas na sociedade. Assim, é possível perceber que os saberes destas comunidades são adquiridos de forma mais empírica, se comparado aos da área acadêmica. Mesmo que certos registros numéricos não ocorram com periodicidade e consistência nas ecovilas, pode-se afirmar que o modo próprio de criar e manter o dia-a-dia nessas comunidades, mostra que suas ações estão conectadas em rede, como foi dito por Svensson (2002) sobre a aplicação da permacultura, para exercer o desenvolvimento sustentável integrado em todas suas vertentes (ambiental, social e econômica). Por outro lado, para que tais comunidades sejam reconhecidas pela sociedade em geral, e que suas práticas sejam incorporadas na vida agitada e urbanizada, é interessante que os indicadores das ecovilas sejam verificáveis, discutidos e divulgados para a sociedade em geral, a fim de que seja trabalhada cada vez mais a consciência ambiental e seja apresentada uma realidade possível e diferenciada da sociedade do consumo.

3.1 As ecovilas: Geração de Renda e Consumo

Sobre as informações coletadas acerca da comparação com os IDS – IBGE (2012), é possível perceber alguns indícios da resistência e redução ao consumo abordada por Borelli (2014), como a não utilização, e consequente não aquisição, de fertilizantes e agrotóxicos, além do baixo consumo de energia e da preocupação com a produção autônoma e independente, a fim de diminuir cada vez mais o consumo atrelado à fontes de energia não-renovável.

Além destas questões, foram coletadas informações sobre as técnicas de construção utilizadas nas comunidades em estudo. Todas as comunidades utilizam algum tipo de técnica de baixo impacto ambiental como bioconstrução e utilização de tijolos ecológicos, materiais reutilizados (pneus, borrachas, garrafas, pallets etc.) ou até mesmo madeira certificada. Algumas comunidades também declararam utilizar as técnicas convencionais de construção, mas existe a preocupação e a busca por técnicas de baixo impacto em todas as comunidades, reforçando a resistência ao consumo discutida anteriormente.

Em relação à geração de renda das ecovilas, foi observado que a maioria está pautada em ações que envolvem o oferecimento de cursos, eventos e atividades de turismo na comunidade, realização de projetos socioambientais, e venda de produtos cultivados e produzidos na própria comunidade. Nem todas as comunidades atingiram a autossuficiência econômica, sendo que não conseguem se manter apenas com essas ações, complementando sua arrecadação de recursos por meio de doações de pessoas que acreditam nos projetos que a comunidade realiza, e também de seus visitantes, além de ocorrer, em algumas, um financiamento particular, por meio de contribuições voluntárias dos moradores, ou até mesmo por mensalidades.

Os processos realizados de geração de renda são, em alguns casos, suficientes apenas para a manutenção da comunidade, e utilizados em pagamentos de contas e cobertura dos gastos com cursos, vivências e atividades oferecidas. Outras vezes os recursos arrecadados excedem os gastos cotidianos da ecovila, no caso das comunidades que atingiram a autossuficiência econômica, permitindo assim, o investimento em projetos almejados pela comunidade, como por exemplo, o início ou melhoramento da produção de energia independente e renovável, construção de novas moradias e melhoramento do acesso à comunidade como abertura e manutenção de estradas.

Nos casos em que existem excedentes, ocorre uma repartição dos recursos entre os moradores. Esta distribuição pode ser feita de diferentes maneiras, sendo que foram relatadas formas que implicam na divisão proporcional e igualitária entre seus membros, ou proporcional ao envolvimento e mérito de cada um. Outras formas foram citadas como o reembolso do investimento inicial na compra da terra para os moradores que contribuíram para essa iniciativa.

Esse universo de dados corrobora para identificar as práticas geracionais de renda. Contudo, apresenta uma tensão no sentido de diferenciar as ecovilas com práticas que superem processos convencionais de geração de renda[4], trazendo por si, desafios a sua consolidação como alternatividade a sociedade do consumo.

[4] Entende-se processos convencionais de geração de renda, aqueles em que o indíviduo deve criar uma atividade arrecadadora de recursos para sua sobrevivência. Esse aspecto pode ser melhor explicitado em Mello et al (2006).

3.2 As ecovilas: Principais Desafios

As respostas encontradas acerca do último questionamento abordado nesta pesquisa, foram em relação aos principais desafios enfrentados para a manutenção da sustentabilidade na comunidade, e foram classificadas em três dimensões diferentes que englobassem o conteúdo discutido, sendo as dimensões: econômica; sociocultural; e socioambiental. A seguir são apresentadas algumas respostas utilizadas para a classificação destas dimensões, por meio da menção a alguns trechos literais coletados:

Dimensão Econômica:

1) "*Criar um projeto economicamente viável comum. Ainda estamos buscando o sustento de forma fragmentada, com diversas frentes de atuação, muitas vezes sem a coesão necessária a uma sustentabilidade integral*".

2) "*Acesso. Estrada muito ruim. Não é mantida pela prefeitura. Inviabiliza a recepção de grupos com carros de passeio*".

Dimensão Sociocultural:

1) "*No nosso caso, acredito ser a falta de mais interessados, pra que possamos distribuir melhor as atribuições e encaminhar mais projetos*".

2) "*Os brasileiros pensarem no coletivo e assumirem responsabilidades!*"

3) "*Organização das pessoas, do trabalho e das trocas*".

Dimensão Socioambiental:

1) "*Estudar o melhor jeito de resolver as melhores soluções pra tanto lixo, tanta porcaria que a gente come, ir até o fim para melhorar nosso planeta, a gente tem muito desperdício e vai fazendo as coisas no automático, parar e refletir o que nós estamos fazendo com o planeta acho que é a coisa mais difícil*".

2) "*É que cada um se responsabilize pelo que gera no universo*".

É possível observar que a maioria das comunidades declarou enfrentar desafios nas dimensões econômica e sociocultural. Entende-se como um processo natural, uma vez que os ecovileiros e comunidades alternativas partiram de movimentos ambientalistas e de contestações acerca do uso desordenado dos recursos naturais devido aos modos de produção capitalista, ou ainda, como pontuado por Santos Jr (2006) sobre o surgimento histórico desses

grupos, as ecovilas buscaram maior aproximação e respeito pela natureza, o que caracteriza a dimensão socioambiental.

Já a dimensão sociocultural aborda a dificuldade de outras pessoas aderirem a esses movimentos e se responsabilizarem por suas ações cotidianas. Ou seja, trabalha-se pela melhoria da dinâmica sustentável da sociedade e até mesmo o fato de se juntar a estas comunidades com compromisso, zelo e envolvimento. Os desafios da dimensão econômica se relacionam com os processos de geração de renda das comunidades, assim como a gestão dos recursos, sendo que se evidencia com maior intensidade nas comunidades que ainda não alcançaram a autossuficiência.

As escolhas teóricas baseadas em pesquisas realizadas sobre as ecovilas, somado ao universo de dados coletados nesta pesquisa, permitem uma leitura, mesmo que parcial, sobre o movimento das ecovilas no Brasil e suas implicações.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ecovilas apresentaram desempenho superior em relação ao desenvolvimento sustentável, quando comparadas à população brasileira por meio dos IDS do IBGE, mostrando que estas comunidades possuem algumas práticas que permeiam as esferas da sustentabilidade. Observou-se que as práticas exercidas nessas comunidades são realizadas de forma mais empírica, diferente dos saberes acadêmicos, profissionais e ou formais, aproximando-se dos saberes populares.

A subjetividade intrínseca ao uso de indicadores e modelos para retratação da realidade das ecovilas, também foi observada, mostrando que uma adaptação mais profunda destes indicadores para as comunidades em estudo é necessária, e até mesmo a confecção de outros indicadores que abordem outros assuntos mais relevantes para o contexto das ecovilas.

É importante ressaltar o quão distante as práticas e os saberes das ecovilas estão da sociedade em geral, o que as coloca em posição de afastamento, tanto geográfico, quanto conceitual. As ecovilas têm demonstrado um bom desempenho em relação a sustentabilidade, sem que a sociedade tenha contato com suas atividades, e possa incorporar cada vez mais outros hábitos no seu cotidiano, replicando em suas próprias vidas os hábitos sustentáveis que os ecovileiros desenvolvem. Evidencia-se, portanto, falta de comunicação e de troca entre essas comunidades e a população em geral.

As ecovilas apresentaram seus maiores desafios, relacionados à manutenção da sustentabilidade no seu dia a dia, ligados às dimensões econômica e sociocultural, e em menor escala à dimensão socioambiental, uma vez que os adeptos às essas comunidades já partem de um movimento ambientalista fortalecido. Como consequência, as ecovilas e comunidades alternativas desempenham técnicas e saberes sustentáveis como propósito singular em seu cotidiano e com um entendimento/respeito da natureza e de relações interpessoais muito diferenciadas da população em geral, e das buscas que são feitas atualmente por qualidade de vida, que são normalmente ligadas ao consumismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORELLI, Fernanda Chagas. *Consumo Responsável sob a Perspectiva Prático - teórica: um estudo etnográfico em uma ecovila.* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2014.

COELHO, Claudio Novaes Pinto. *Contracultura: o outro lado da modernização autoritária.* In: Anos 70: trajetórias. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural. 2005.

GEN. Global Ecovillage Network, 2012. Disponível em: <www.gen.ecovillage.org/>. Acesso em abril de 2014.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores de Desenvolvimento Sustentável, 2012.* Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/documentos/recursos_naturais/indicadores_desenvolvimento_sustentavel/2012/ids2012.pdf>. Acesso em março de 2014.

IPEMA. Instituto de Permacultura e Ecovilas da Mata Atlântica, 2012. Disponível em <www.ipemabrasil.org/>. Acesso em agosto de 2014.

MELLO, Claiton; STREIT, Jorge; ROVAI, Renato. *Geração de trabalho e renda, economia solidária e desenvolvimento local: a contribuição da Fundação Banco do Brasil*. Publ!sher Brasil. São Paulo, 2006.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo; MELLO, Adilson Silva. *Entre Doces, Palhas e Fibras: experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais.* Estudos de Sociologia (Recife), v. 1, p. [1]-[18], 2014.

ROSZAK, Theodore. *The Making of a Counter Culture: Reflections on the Technocratic Society and its Youthful Opposition*. Anchor Books, 1969.

ROYSEN, R. *Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa.* Dissertação de Mestrado. São Paulo. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS Jr, S. J. *Ecovilas e Comunidades Intencionais: Ética e Sustentabilidade no Viver Contemporâneo.* In: III Encontro da ANPPAS, Brasília – DF: 2006.

SVENSSON, K.; JACKSON, H. *Ecovillage living: restoring the earth and her people*. Devon: Green Book and Gaia Trust. UK. 2002.